

# COMPREENSÃO DE EDUCADORES SOBRE O *BULLYING*: CENÁRIOS DO COTIDIANO EM FOCO

Daniela Dresch

dani\_dresch@yahoo.com.br

Maria Teresa Ceron Trevisol (UNOESC)

mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br

Conflitos interpessoais na instituição educativa: fatores, complexidade, diversidade e manifestações como indisciplina, bullying, violência ou incivilidade

*Bullying* é um comportamento ofensivo e repetitivo, que tem intenção de humilhar, maltratar ou desprezar outro indivíduo; sempre existiu e ocorre em diversos ambientes compreendendo todas as faixas etárias. O presente artigo analisa a prática de *bullying* na escola. Apresenta dados de uma pesquisa realizada em 2010. A investigação realizada se caracteriza como um estudo exploratório. Como procedimentos de coleta de dados foi utilizado um questionário. Como procedimento de análise dos dados efetuou-se a análise do conteúdo das respostas dos sujeitos pesquisados. A base empírica desse estudo contou com uma amostra composta por profissionais de Escolas públicas do município de Luzerna (SC). É preciso salientar que a maior ocorrência de *bullying* está sendo nas escolas, portanto, os questionários foram direcionados aos profissionais destas instituições. Como resultado da análise dos dados coletados evidenciou-se: os participantes da pesquisa possuem boa compreensão em torno do assunto; as conseqüências do *bullying* atingem todos os envolvidos, alterando a gravidade de acordo com a agressão ocorrida. Os tipos de desrespeito mais freqüentes são violência física e verbal. Tanto a idade das vítimas como dos agressores ficou entre 11 a 15 anos. Confirma-se a relação dos *bullies* com a indisciplina e dificuldade de aprendizagem. Os encaminhamentos em relação ao problema pesquisado abrangem mudanças no indivíduo, na escola, na família e na sociedade. Além desses aspectos, há necessidade da continuidade da busca de conhecimentos relacionados ao foco desse estudo, visto vez que a ocorrência de maus-tratos está crescendo a cada dia no contexto escolar.

**Palavras-chave:** *bullying*; escola; maus-tratos; desrespeito.

## INTRODUÇÃO

A prática do *bullying* sempre existiu, entretanto, outras designações eram utilizadas para se referir a esse problema. Ela pode acontecer na escola,

no local de trabalho, entre familiares, na rua, nos relacionamentos, enfim em todos os locais, independente da idade e por qualquer motivo. Pode iniciar com algumas palavras ofensivas e terminar com agressões físicas e psicológicas mais graves.

O *bullying* ocorre entre iguais. Está relacionado a atitudes agressivas, intencionais e que se repetem, causando dor e angústia. Pode se manifestar em um simples apelido. Caso a criança ou adolescente que recebeu o apelido se sentir ofendida, e se os colegas insistirem na brincadeira, esta deixa de ser brincadeira e passa a ser uma agressão.

Costa (2009), afirma que:

Claro que não se pode banir as brincadeiras entre colegas no ambiente escolar. O que a escola precisa é distinguir o limiar entre uma piada aceitável e uma agressão. “Isso não é tão difícil como parece. Basta que o professor se coloque no lugar da vítima. O apelido é engraçado? Mas como eu me sentiria se fosse chamado assim?”, orienta o médico. Ao perceber o *bullying*, o professor deve corrigir o aluno. E em casos de violência física, a escola deve tomar as medidas devidas, sempre envolvendo os pais.

A identificação da ocorrência de maus-tratos e desrespeito não é difícil, pois como foi sugerido na citação anterior, basta colocar-se na posição de vítima, no lugar daquele aluno que está recebendo o apelido ou o empurrão. O grande desafio está em saber o que fazer para que essas manifestações diminuam? Qual atitude tomar para que os alunos entendam que é inadequado determinado comportamento?

A palavra *bullying* de acordo com Fante e Pedra (2008, p.34) significa

*Bully* pode ser traduzido como valentão, tirano, brigão. Como verbo, *bully*, significa tiranizar, amedrontar, brutalizar, oprimir e o substantivo *bullying* descreve o conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo incapaz de se defender.

No caso de *bullying*, que são atitudes agressivas verbais e/ou físicas, os professores, funcionários e direção das escolas precisam ficar atentos, para conversar, explicar para seus alunos que determinada postura não é adequada. É pertinente informar a família do que está ocorrendo na escola, e orientar para uma possível mudança de atitude tanto dos pais como dos filhos. Isto vem ao encontro do que Guareschi (2010) afirma

O ser humano tem a sua consciência, o seu saber. Sempre que uma criança nasce, ela começa a interagir com os outros e com objetos, e assim vai montando o mundo. Isso é saber, é experiência; a criança já chega ao mundo aprendendo, e aprendizagem não é apenas constatar um conhecimento, mas é tentar conhecer qual é o saber da pessoa ao meu lado. E aí sim problematizar para que a pessoa comece a agir e se tornar sujeita da sua aprendizagem.

Essa citação colabora para certificarmos de que a criança reproduz na escola, ou em outros lugares, o que aprende em casa e vice-versa. Nesse sentido, é fundamental a importância de bons exemplos para os alunos que estão em processo de construção, pois eles se espelham nos adultos a quem transferem autoridade e confiança. Os adultos são considerados modelo do que é certo e errado, bom e ruim.

Conforme Camargo (2010) o *bullying*:

é um problema mundial, podendo ocorrer em praticamente qualquer contexto no qual as pessoas interajam, tais como escola, faculdade/universidade, família, mas pode ocorrer também no local de trabalho e entre vizinhos. Há uma tendência de as escolas não admitirem a ocorrência do *bullying* entre seus alunos; ou desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo. Esse tipo de agressão geralmente ocorre em áreas onde a presença ou supervisão de pessoas adultas é mínima ou inexistente. Estão inclusos no *bullying* os apelidos pejorativos criados para humilhar os colegas.

Segundo o autor, o *bullying* não se refere a brincadeiras ofensivas e repetitivas que ocorrem somente entre as crianças ou os adolescentes, acontece na universidade, entre vizinhos, ou seja, entre pessoas adultas também.

Para ter conhecimento da compreensão de profissionais que atuam na escola sobre o *bullying*; as posturas que são tomadas diante de situações que envolvem esse tipo de comportamento efetuamos uma pesquisa que teve como amostra, 24 profissionais que atuam nas duas escolas públicas do município de Luzerna. Sendo: 18 professores e 6 funcionários das escolas. Entre estes: uma coordenadora pedagógica, um chefe de controle de patrimônio, um chefe do setor de ensino, um estagiário, um assistente técnico pedagógico e um assistente de educação. A amostra da pesquisa abrange vários cargos, professores atuantes no ensino fundamental e médio, variação no tempo de serviço dos entrevistados de 4 meses a 30 anos e com formação mínima de curso técnico e a mais elevada pós-graduação completa.

Como procedimento de coleta de dados utilizamos um questionário composto por questões semi-estruturadas, para permitir o posicionamento dos participantes sobre o foco do estudo realizado. As questões buscaram identificar: a compreensão desses profissionais sobre o bullying na escola; se observa que há muitas queixas de maus-tratos na escola; quais são as principais queixas; que faixa de idade está comumente envolvida nessas situações; quais as providências que são tomadas em relação ao problema.

Como procedimento de análise dos dados a análise do conteúdo das respostas dos sujeitos pesquisados.

Constitui objetivo desse texto analisar alguns dados sobre a compreensão de profissionais que atuam na escola sobre o bullying, o que se observa nesse contexto e quais os encaminhamentos que são adotados para resolver essa situação.

## ***BULLYING NA ESCOLA: DESCRIÇÃO DO CENÁRIO***

Passaremos, a seguir, a analisar alguns dados representativos da compreensão de profissionais que atuam na escola sobre o bullying.

Inicialmente, questionamos os profissionais se na escola onde o entrevistado atua, há muitas queixas de maus-tratos. Dos 24 pesquisados, 20 responderam que sim e somente três que não e um entrevistado não respondeu.

No que se refere a quais maus-tratos ocorrem com mais frequência na escola evidenciamos as seguintes respostas: em primeiro lugar, os profissionais especificaram a agressão verbal; em segundo, a agressão física; em terceiro, maus-tratos morais; em quarto, a violência psicológica, sexual e virtual. Quatro profissionais não responderam a questão.

De acordo com pesquisas realizadas por Fante e Pedra (2008, p. 36), há diversos tipos de *bullying*

Nos estudos sobre o *bullying*, os tipos de maus-tratos encontrados são: físico, verbal, moral sexual, psicológico, material e virtual. Ocorrem quando um ou mais alunos elegem uma vítima para “bode expiatório” do grupo e contra ela exercem força coercitiva, com atitudes agressivas, contra as quais a vítima não consegue se defender. Os autores mobilizam a opinião dos colegas contra a vítima, através de boatos difamatórios ou apelidos que acentuam alguma característica física, psicológica ou trejeito considerado negativo, diferente ou esquisito.

Torna-se relevante explicar quais são as formas de maus-tratos consideradas como *bullying*, de acordo com Fante e Pedra (2008, p. 63):

As formas de maus-tratos são: físico (bater, chutar, beliscar); verbal (apelidar, xingar, zoar); moral (difamar, caluniar, discriminar); sexual (abusar, assediar, insinuar); psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir); material (furtar, roubar, destroçar pertences); e virtual (zoar, discriminar, difamar, através da internet e do celular).

Sendo que, a vítima, infelizmente, não recebe apenas um tipo de ataque, na prática os agressores utilizam ataques combinados, ou seja, empregando diversas formas de maus-tratos, compreendendo a exclusão social. As formas de maus-tratos consideradas como *bullying* mencionadas por Fante e Pedra (2008) também foram identificadas no estudo realizado.

No que se refere a forma de violência virtual ter sido mencionada poucas vezes pelos pesquisados, está no fato, de que esse tipo de violência não é público, ou seja, o alvo é agredido, via computador ou celular onde ninguém vê. Os que agredem estão acomodados em suas casas ou em outros lugares, sozinhos, não é preciso nenhum tipo de contato pessoal.

Com relação à violência sexual a dificuldade está nas crianças falarem o que está acontecendo com elas, pois são ameaçadas caso contem para alguém o que está acontecendo, sem deixar de considerar que os agressores fazem chantagens tanto com a vítima quanto para a família da mesma, caso ela não guarde segredo.

Quanto a faixa de idade dos envolvidos em comportamentos de bullying evidenciamos uma diversidade de respostas. A média de idade, comumente envolvida, está entre a faixa de 11 a 15 anos. Em cada idade de acordo com a literatura, há diferentes formas de manifestação de desrespeito. De acordo com pesquisas realizadas por Middelton-Moz e Zawadski (2007, p.77):

Em função da diferença de idade e desenvolvimento, o *bullying* difere à medida que as crianças avançam de nível. Na escola fundamental, toma a forma de empurrões, encontrões, cuspidas, ofensas verbais, rasteiras, distrações, interrupções e risos em relação aos outros. Quando essas crianças ficam mais velhas, o *bullying* pode se tornar mais sofisticado: brigas verbais e físicas, intimidação, espalhar mentiras e boatos, exclusão, danos à propriedade e roubo; implicar com os outros em função de sua aparência ou comportamento, de suas roupas ou de seu local de moradia. Os *bullies* podem estar todo o tempo incomodando os outros ou fazendo agressões contra propriedades e posses, ou, ainda, visar a membro da família ou amigos.

Segundo Fante e Pedra (2008, p. 38) há diferenças nas manifestações do *bullying* se considerado o passado e atualmente. Esses autores afirmam que

No passado, os grupos de alunos se uniam para tomar um lanche, os pertences ou o dinheiro do colega ou, ainda, ameaçá-lo,

persegui-lo ou obrigá-lo a fazer tarefas ou incluir seus nomes no grupo de trabalho. Hoje, o *bullying* ganhou mais requinte, com a utilização das modernas ferramentas disponíveis na internet e nos telefones celulares para espalhar medo, boatos, difamações, humilhações, causando graves transtornos para a vítima e seus familiares. Esta nova modalidade de ataque é denominada *ciberbullying* ou assédio virtual.

Considerando esses elementos é possível explicar o aumento do desrespeito em razão do avanço da tecnologia tanto de celulares como de computadores, pois no passado o único contato que se tinha com outras pessoas era pessoalmente, e não havia outra maneira de encontros e conversas, o que de certa forma amenizava as brigas e chacotas. Esse tipo de agressão não deixa marcas físicas, mas marcas psicológicas, mudanças de comportamento em virtude de intimidações e ameaças realizadas por meio de sites de relacionamento ou de bate-papo.

Outra questão do instrumento de pesquisa solicitava a descrição do caso mais preocupante que já ocorreu na escola em que atua. Os casos mais citados foram os relacionados a apelidos, prejuízo na auto-estima, as agressões físicas e verbais e mudança de comportamento do aluno que está sendo vítima.

A violência é negação de direitos, é negação da dignidade humana, é ausência de generosidade e compaixão. Não se podem abolir as brincadeiras entre os colegas e amigos, tanto na escola como em outros lugares, é preciso esclarecer que a escola precisa distinguir entre uma anedota aceitável de uma agressão, de uma violência.

Deve-se investir em valores morais e sociais tanto na escola, como na família, retomar alguns valores esquecidos como respeito, solidariedade, companheirismo e torná-los rotina do dia-a-dia de todos, desde as crianças até os adultos. Encontramos na posição de Middelton-Moz e Zawadski (2007, p.54) a ênfase que “[...] as crianças não nascem, são formados. Não são crianças más, e sim crianças tristes”.

Nesse sentido, o meio, a cultura em que os indivíduos estão inseridos são fatores importantes de serem levados em consideração quando se analisa o bullying, pois esses espaços de convívio de valores, de regras, de normas contribuem na formação de alunos envolvidos com maus-tratos ou não.

Portanto, é preciso que os adultos que tem convívio com estas crianças entendam que elas não praticam o mau-trato simplesmente por diversão e sim estão sinalizando que precisam de ajuda, pois podem estar sendo vítima de alguma violência em casa e estar repercutindo na escola. É importante salientar que não são todos os agressores que pertencem a famílias desestruturadas. Muitas vezes a ausência de afetividade e empatia nas relações familiares, pode ser causa de comportamentos de maus-tratos.

Outra questão solicitada aos profissionais se referiu a compreensão que possuem em relação ao *bullying*. De acordo com as respostas, todos os entrevistados possuem entendimento semelhante, referem-se à falta de respeito que é manifestada de maneira violenta. Também encontramos nas respostas que *bullying* é toda ofensa verbal e agressão física; atitudes agressivas intencionais e repetidas; forma de desrespeito; maneira de discriminar as pessoas; agressões verbais e/ou constrangimentos contínuos; práticas agressivas entre os alunos e também entre professor e aluno.

Podemos afirmar que o bullying são comportamentos que não ocorrem ocasionalmente, mas sim com tal frequência que o alvo deste desrespeito tem grande sofrimento psíquico, e algumas vezes, físico em razão disto, pois são comentários ou atitudes ofensivas e agressivas em relação a outra pessoa.

Esse aspecto se relaciona ao que Middelton-Moz e Zawadski (2007, p.18) afirmam

O *bullying* não é simplesmente, como muitos minimizam, um comentários ácido ocasional feito por uma pessoa próxima na mesa do café da manhã, um dia ruim com o chefe, crianças brigando com outras enquanto brincam, aprender as duras lições da rivalidade entre irmãos ou a solução de conflitos com colegas. É a **crueledade freqüente e sistemática**, voltada deliberadamente a



alguém, por parte de uma ou mais pessoas, com intenção de obter poder sobre o outro e infligir regularmente o sofrimento psicológico e/ou físico. (grifo nosso)

Contudo, evidenciamos que o conhecimento teórico que os profissionais pesquisados possuem sobre o bullying vêm ao encontro da literatura, sabem identificar quando as brincadeiras deixam de ser inofensivas e passam a ser agressão, que ocorrem de maneira contínua e acontecem entre todas as pessoas, ou seja, aluno e aluno, aluno e professor e vice-versa, aluno e direção, e assim por diante.

Segundo Camargo (2010), as crianças ou adolescentes que sofrem *bullying* podem se tornar adultos com sentimentos negativos e baixa auto-estima. Tendem a adquirir sérios problemas de relacionamento, podendo, inclusive, manifestar comportamentos agressivos. Em casos extremos, a vítima poderá tentar ou cometer suicídio. A situação é preocupante e merece atenção de todos os profissionais que estão envolvidos na escola, visto que é o espaço em que coletamos os dados, pois comumente as crianças/alunos que foram vítimas de maus-tratos, mais tarde, quando adolescentes e/ou adultos podem reproduzir este comportamento em outras pessoas, da mesma forma como aconteceu com eles. O que indica que estas crianças que estão sendo vítimas, podem tornar-se futuramente agressores.

Nesse sentido, é importante que sempre que se observe alguma situação envolvendo bullying na escola ou em outros espaços, se tome providências, atitudes para minimizar ou resolver os comportamentos de desrespeito para com qualquer sujeito.

Questionamos os profissionais sobre se os alunos que praticam o *bullying* são também os que apresentam indisciplina ou alguma dificuldade de aprendizagem. Das respostas mencionadas, alguns dez profissionais responderam que sim, oito que não e seis não responderam.

Ainda nessa questão, solicitamos se caso a resposta fosse positiva qual seria a dificuldade que esses alunos apresentam. Identificamos as seguintes

respostas: cinco entrevistados indicaram indisciplina; três relataram dificuldade de aprendizagem; uma resposta refere-se a baixo desempenho escolar em razão de notas baixas; um escreveu que o aluno tem comportamento ruim; um respondeu que tem falta de respeito; um descreveu que falta concentração e organização; e outra resposta específica que são alunos que são mal educados, que tem falta de vontade para os estudos.

Esta questão de indisciplina com o *bullying* é ressaltada nas pesquisas de Fante e Pedra (2008, p. 84):

Os envolvidos em *bullying*, principalmente os que foram vitimizados, sendo expostos a situações intimidatórias e constrangedoras, pode ocorrer a formação de uma estrutura psicológica caracterizada por auto-estima rebaixada e inabilidades relacionais. Eles poderão ter suas mentes dominadas por pensamentos e emoções marcadas por excessiva insegurança, ansiedade, angústia, medo, vergonha, etc., prejudicando sua capacidade de raciocínio e aprendizado, favorecendo o surgimento de um perfil emocional, que, aos olhos do agressor, caracteriza-o como alguém que não oferecerá resistência aos seus ataques. nesse caso, o indivíduo poderá ter comprometimentos no desenvolvimento da inteligência, da capacidade de criatividade e liderança, bem como sérios problemas no desenvolvimento afetivo, familiar, social e laboral.

Como esclarece Fante, as conseqüências dos maus-tratos são amplas. Em relação à aprendizagem nas crianças que são vítimas do *bullying*, Fante e Pedra (2008, p.85), por meios dos alunos atendidos por eles, identificaram que:

Como mais comuns o déficit de concentração e de aprendizagem, a dispersão, o desinteresse pelos estudos e pela escola, o absentismo, a queda no rendimento escola e a evasão. Em decorrência da vitimização, muitas crianças se tornam ainda mais introvertidas, tristes, ansiosas ou irritadas.

E em razão destes comportamentos de introversão, de desânimo, estas crianças vão se isolando dos colegas, preferindo ficarem sozinhas as companhias

dos outros, para não ser alvo do *bullying*. Além de se afastarem dos amigos também não se importam com os estudos.

Não há dúvida que a aprendizagem é afetada nos indivíduos que estão envolvidos com *bullying*, pois a vítima tem sentimentos de insegurança, ansiedade e medo do próximo ataque e o agressor em relação a querer maltratar seus colegas, para manter sua fama de “valentão” na escola.

A pesquisa realizada por Middelton-Moz e Zawadski (2007, p.87) nos apresenta contribuições para o encaminhamento das situações de *bullying*. Segundo esses autores:

Um grande número de estudos tratou de crianças resilientes, de origens difíceis e traumáticas, indica que o principal fator a fazer diferença na vida delas é um modelo de referência adulto que mostre compaixão, preocupação e cuidado e que seja capaz de dar exemplos de comportamento saudável. Todos os *bullies* e as vítimas que generosamente nos contaram suas histórias disseram que houve apenas uma ou duas pessoas que se preocuparam e acreditaram neles em algum momento de suas vidas e que fizeram a diferença. Em função delas, eles se dispuseram a dedicar-se a mudar seu comportamento marcado pelo *bullying* e a fazer outras mudanças necessárias para levar vidas felizes e saudáveis.

Acreditamos que há soluções, porém é necessário interesse e comprometimento da escola atrelado com a família, sendo que não é preciso uma grande quantidade de pessoas, mas que sejam eficazes, indivíduos dispostos a ajudar os envolvidos no *bullying*, para que estas crianças/alunos desenvolvam a resiliência, que é a mudança de comportamento, para que sigam o exemplo bom, correto.

É possível identificar pelo relato dos autores consultados, entre eles: Middelton-Moz e Zawadski (2007); Fante e Pedra (2008), o quanto a vida das vítimas é prejudicada tanto no lado pessoal como profissional ou escolar, como é o caso dos alunos. Como eles não têm habilidade para enfrentar o agressor, afastam-se dos colegas por receio de humilhação, sentem-se inseguros, ansiosos e alguns devido a baixa auto-estima acham que são merecedores das agressões.

Comumente o aluno que pratica o *bullying* é o aluno conhecido, envolve-se em diversos comportamentos anti-sociais, pode ser agressivo também com os adultos, é impulsivo, percebe sua agressividade como algo bom dele, tem imagens positivas sobre si, sente-se bem em dominar, controlar e causar sofrimentos a outros. Com receio de que as testemunhas virem alvos, eles apóiam o comportamento dos agressores, e ficam amigos dos mesmos, como forma de proteção. Para evitar ser vítimas, deixam os estudos de lado, para não se igualarem aos outros alvos dos *bullies*, prejudicando assim seu rendimento escolar.

Não é somente nos primeiros anos de vida que o indivíduo se constrói, ele está em constante mudança e alterações, mas é de suma importância que os pais formem um bom vínculo com base no amor, atenção, limites e regras. Também na adolescência é importante que esse indivíduo possua acesso a bons exemplos, que os responsáveis continuem com regras claras e limites adequados, para então o adolescente não ter comportamentos incorretos.

No que se refere aos encaminhamentos que a escola e seus profissionais têm tomado com relação aos casos de *bullying*, as alternativas mencionadas foram: conversar com os alunos envolvidos; estudo do tema em sala de aula; encaminhar para o atendimento da psicóloga; chamar os pais na escola; avisar o Conselho Tutelar.

A escola deve, primeiramente, tentar solucionar a questão, por meio de intervenção pedagógica e utilizando o regimento da escola, fazer uso das medidas de punição para atos de violência, vandalismo e outros. Concomitante a essa ação avisar os pais da situação em que o filho se encontra na escola, explicar o motivo da penalização e como está seu comportamento escolar. Caso não surtir efeito positivo, então entrar em contato com outras instituições como é o caso de Conselho Tutelar, órgão responsável por garantir os direitos e deveres das crianças e dos adolescentes. Pois caso a escola, sabendo do ocorrido não tome nenhuma providencia, ela que deverá responder pelos eventos ocorridos.

Quanto aos casos de reincidência de bullying evidenciamos que a maioria dos pesquisados direcionou sua resposta para a medida: conversar com os alunos envolvidos e entrar em contato com os pais. Infelizmente, nesta pergunta 7 pesquisados não responderam. Essa ausência de posição por parte dos profissionais nos leva a reiterar a necessidade de que os mesmos os professores quanto os demais profissionais que atuam no espaço escolar desenvolvam um olhar mais observador no cotidiano, fiquem atentos para sinais de violência, procurando amenizar os agressores, bem como auxiliar as vítimas e transformar os espectadores em principais aliados.

Outra contribuição que Middleton-Moz e Zawadski (2007, p.71) nos oportunizam é que “a forma como uma criança aprende a respeitar é sendo respeitada e vendo cuidadores adultos tratar a si próprios, aos outros e a toda a criação com respeito.”

Quando a escola estiver preparada com profissionais capacitados, envolver os pais na elaboração de estratégias e tiver parcerias com o conselho tutelar, delegacias da criança e do adolescente, promotorias públicas, entre outras, como consequência diminuirá, consideravelmente, os casos de *bullying*, pois tanto a escola como pais e órgãos públicos estarão articulados a um mesmo objetivo que é a convivência com respeito e educação.

Todos os indivíduos podem manifestar algumas alterações de comportamento, pois, somos seres humanos. Entretanto, os *bullies* possuem padrões duradouros e enraizados de comportamento, sendo que são fortalecidos devido a poucos indivíduos que os enfrentaram de forma correta. São muito habilidosos no ato da intimidação. Caso a criança/aluno se mostre indefeso e impotente diante dele, continuará sendo uma de suas vítimas. Quando agredido, a criança/aluno não se deve ir contra ele, não duvidar de suas motivações, é preciso manter-se seguro emocional e fisicamente, e pedir ajuda às pessoas de confiança.

Antes de ajudarmos as vítimas, os agressores e as testemunhas, precisamos nos fortalecer, ter o hábito de tomar iniciativa e não fazer de conta que o problema não é nosso; pois hoje pode não ser, mas para que quando acontecer, também tenha pessoas dispostas a nos ajudar.

Evidenciamos com a investigação realizada que a maioria dos profissionais entrevistados compreende o que é *bullying*, alguns não sabem que ocorre na escola, mas a grande parte dos pesquisados está alerta e tentando proporcionar na escola um ambiente aconchegante e que as crianças/alunos sintam-se seguras e protegidas.

## CONCLUSÃO

A partir da pesquisa realizada verificamos que os envolvidos com as questões relacionadas ao bullying, vítimas, agressores e testemunhas terão conseqüências físicas e emocionais de curto e/ou longo prazo, o que podem causar dificuldades escolares, sociais e emocionais. As crianças e adolescentes não são atacadas de maneira igual, mas há uma relação direta com a frequência, duração e severidade dos atos de *bullying*.

Os indivíduos que sofrem maus-tratos quando criança tem maior probabilidade a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos. Da mesma maneira, quanto menor a criança foi agredida, maior será a predisposição de apresentar dificuldades associados a comportamentos anti-sociais em adultos.

Diferentes autores têm colaborado para que compreendamos que as transformações sociais, econômicas e principalmente tecnológicas fizeram que muitas famílias, sem propósito, se afastassem dos membros de sua família, fazendo com que crianças/adolescentes buscassem essa compensação de maneira individual. É necessário que os pais encontrem tempo para a convivência saudável, principalmente com os filhos, diálogo constante sobre diversos assuntos e conhecer o mundo deles, da mesma forma, deixar que as crianças/adolescentes conheçam as histórias de vida dos pais. Os filhos devem perceber que a casa

deles é um lugar de aceitação, amor, livre para expressar-se tanto nas vitórias como nas derrotas; como estão os estudos e como eles estão sentindo-se, enfim um lugar de troca, de crescimento, cumplicidade e carinho.

Após análise dos dados, entendemos que avaliar o bom desempenho dos estudantes pelas notas das provas e cumprimento das tarefas não é suficiente. É relevante analisar as habilidades ou dificuldades que ele tem no seu convívio social, para formar um cidadão de respeito, que não se envolva em brigas e seja bom exemplo para os demais alunos.

É preciso encorajar os alunos a participarem das ações dos programas *antibullying*, treinamentos por meio de dramatização, teatros para que adquiram habilidades para lidar de diferentes ambientes. Outra forma de intervenção é a formação de grupos de apoio, que tem como objetivo proteger as vítimas e auxiliar na solução das situações de *bullying*.

Finalizamos esse texto enfatizando que os professores precisam lidar e resolver efetivamente os casos de *bullying*, para os alunos autores, deve ser disponibilizado condições para desenvolver comportamentos mais amigáveis e saudáveis, evitando, quando possível, ações punitivas, como os castigos, as suspensões ou expulsão da escola, que acabam por marginalizá-los. E em contrapartida as escolas devem aprimorar suas técnicas de intervenção e buscar parceria de outras instituições, tais como centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social.

Em consonância com essa posição, ressaltamos a posição de Fante e Pedra (2008, p. 92): “É necessário que os adultos intervenham amorosamente e com firmeza, para conter e direcionar o impulso agressivo para ações socialmente gratificantes.”

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.20 n.1. Jan/abr. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/>

scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-71822008000100004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 02 out. 2009

ARATANGY, L. **Pelo bem das próximas gerações**. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/pelo-bem-proxima-geracoes-448285.shtml#box-solida>>. Acesso em 13 set. 2010

BARROS, A. **Bullying**: é preciso levar a sério ao primeiro sinal. Revista nova Escola. Abril 2008. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-preciso-levar-serio-431385.shtml?page=2> Acesso em 22 jul.2010

BEAUDOIN, M-Nathalie; TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006. 232 p.

CAMARGO, O. **Bullying**. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 13 set. 2010

CAVALCANTE, M. **Como lidar com brincadeiras que machucam a alma**. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/como-lidar-brincadeiras-431324.shtml?page=4>>. Acesso em 14 set. 2010

COSTA, Renata. **O que é bullying?**. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-494973.shtml>>. Acesso em 13 set. 2010

Departamento de Ciência Política, IFCH. Unicamp, Agosto de 2007. Disponível em <[http://www.ifch.unicamp.br/pos/cp/selecao/2010/modelo\\_cpoli.doc](http://www.ifch.unicamp.br/pos/cp/selecao/2010/modelo_cpoli.doc)>. Acesso em 25 nov. 2009.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008. 132 p.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre o *bullying* entre escolares do ensino fundamental. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.22 n.2, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722009000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000200005&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 02 out. 2009



GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999. Disponível em <[http://www.administradores.com.br/artigos/pesquisa\\_qualitativa\\_exploratoria\\_e\\_fenomenologica\\_alguns\\_conceitos\\_basicos/14316/](http://www.administradores.com.br/artigos/pesquisa_qualitativa_exploratoria_e_fenomenologica_alguns_conceitos_basicos/14316/)> Acesso em 25 nov. 2009

GUARESHI, P. **O bullying está dentro da nossa sociedade, na própria família, que usa práticas pedagógicas verticais autoritárias**. Disponível em <<http://diganaoerotizacaoinfantil.wordpress.com/2010/03/03/o-bullying-esta-dentro-da-nossa-sociedade-na-propria-familia-que-usa-praticas-pedagogicas-verticais-autoritarias/>>. Acesso em 13 set. 2010

INÁCIO, S. R. da L. **Bullying: a síndrome da humilhação**. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/auto-ajuda-artigos/bullying-a-sindrome-da-humilhacao-644664.html#>> Acesso em: 03 out. 2009

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 152 p.

NETO, A. A. L. **Bullying** — comportamento agressivo entre estudantes (Rio J.) vol.81 no.5 suppl.0 Porto Alegre Nov. 2005 Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572005000700006%20&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572005000700006%20&script=sci_arttext)>. Acesso em 17 set. 2010

POLETO, A. **Educar sem rótulo**. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/educar-rotulos-431171.shtml>>. Acesso em 14 set. 2010

SILVA, A. B. B. **Seu filho pode ser vítima de bullying – e não contar**. Disponível em <<http://colunas.epoca.globo.com/mulher7por7/2010/05/17/seu-filho-pode-ser-vitima-de-bullying-e-nao-contar/>>. Acesso em 29 jul. 2010

VASCONCELOS, M. J. Projeto antibullying quer reduzir violência na escola. **Jornal Correio do Povo**. Ano 115, nº238. 26 de maio de 2009.